

CADERNOS/DIÁRIOS DE ASÉ – ESCRITAS DE CANDOMBLÉ

Marta Ferreira da Silva¹



2

RESUMO: Este ensaio se propõe a apresentar as considerações iniciais da pesquisa em que analisamos as redes educativas estabelecidas, através das construções e leituras de cadernos/diários produzidos pelas crianças e jovens que são iniciados em religião de matriz africana (candomblé) na instituição religiosa Ilê Aşé Omi Larè Ìyá Sagbá, em

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² As imagens utilizadas são de autoria da fotógrafa Luciana Serra.

Duque de Caxias - RJ. A partir da escrita, prática incomum em religiões de matriz africana, refletir sobre as ressignificações promovidas por esta prática. Usos, continuidades, rupturas e especificidades provocadas não só pela tradição e segredos repassados, mas a escrita em si, como é percebida por quem está ator/autor desses materiais e sob sua ação direta.

Palavras-chave: educação; redes educativas; candomblé.

ABSTRACT: This text intends to present the initial considerations of research in which we analyze the educational networks established through the buildings and readings notebooks/diaries produced by the children and youth who are started on religion of African origin (Candomblé), in the religious institution Ile Ase Omi Lare Iya Sagbá, in Duque de Caxias - RJ. From writing, uncommon practice in African religions, reflect on the reinterpretation promoted by this practice. Uses, continuities, ruptures and specificities, caused not only by tradition and secrets passed on, but the writing itself, how it is perceived by those being actors/authors of these materials and under its direct action.

Keywords: Education - Educational Network - Candomblé.

Ìtàn, termo da língua yorubá que significa mitos, histórias de orişás. Histórias que têm por tradição, dentro dos terreiros de candomblé, serem repassadas de geração em geração aos iniciados no culto, através da oralidade. O ìtàn estabelece as características pessoais dos orişás e os caminhos percorridos por eles através de enredos que envolvem o sagrado e o humano que acabam por determinar ritos, personalidades e identificações dentro do terreiro de candomblé. É através dele que se estabelece como rituais serão realizados. Rituais que envolvem segredos. Como os segredos são mantidos através das gerações? Será que o registro escrito pode ameaçar os segredos? Como perpetuar segredos sem correr os riscos de deformá-los ou mesmos modificá-los? A escrita protege ou fragiliza esses segredos?

Essas perguntas movem a pesquisa inicial que serve de aporte para este ensaio e suscita outras ligadas diretamente às questões do aprender de crianças e jovens para

além dos muros da escola, pensando o itàn como um facilitador da aprendizagem. Propomo-nos a pesquisar esses processos a partir do registro escrito desses itàn e seu repasse dentro de um terreiro de candomblé, onde os registros escritos fazem parte do seu cotidiano, sendo desdobramento de uma prática pouco comum nos espaços de religiosidade afro-descendente.

Interessa-nos aqui partilhar um pouco essa cultura preservada e recriada nos terreiros de candomblé. Para Raymond Williams (2007), a noção de cultura está impregnada da produção histórica, material e simbólica da sociedade e suas lutas. Cultura, na concepção de Williams são modos de vida. As comunidades de terreiros abrigam modos de vida singulares, complexos, constituídos de saberes específicos, saberes que percebem, sentem, intuem, interpretam e narram o mundo, ou seja, há uma epistemologia, uma maneira de conhecer própria nesses lugares de saberes, que difere dos modelos epistemológicos dominantes.

O itàn é um dos principais instrumentos para o repasse, compreensão, manutenção das tradições do candomblé, tradições essas que possuíam o segredo e a oralidade como mola de propulsão até há algum tempo, tendo em vista que esta prática vem passando por um processo de transformação, a partir do momento em que encontramos registros escritos nos espaços dos terreiros. Falamos em tradição não sob a ótica passadista ou tradicionalista criticada por Mariátegui, que segundo o autor, percebe o passado como “uma relíquia fria, inerte” (Mariátegui, 2007); trabalhamos com tradição na perspectiva de “compreender o passado para sentirmos o presente e nos inquietarmos com o futuro” (Mariátegui, 2007).

Concordando com Mariátegui e sua definição clara e objetiva sobre tradição, quando diz que ela é viva e móvel, nos propomos a pesquisar, a partir de um material manuscrito que foi deixado como herança por uma iyalorişá/mãe de santo ao seu filho de santo, e o uso desta prática incomum nos terreiros de candomblé, a escrita, e as ressignificações promovidas através das leituras desse material, e mais especificamente, os cadernos produzidos pelas crianças e jovens do terreiro pesquisado.

Usos, continuidades, rupturas e especificidades provocadas não só pelo manuscrito, mas a escrita em si; como é percebida pelos herdeiros desse material. Falo em herdeiros, pois esse material encontra-se em movimento através do herdeiro

direto, hoje um babalorişá/pai de santo, que tem um terreiro de candomblé em pleno funcionamento, com muitas crianças e jovens iniciados e incentivados a registrar em cadernos todos os ritos, bem como sua origem de família de santo, mas sem quebrar a tradição do segredo. Cadernos/diários que são lidos entre eles dentro do terreiro de candomblé; secretos, pois possuem informações que não podem ser repassadas aos não iniciados e nem aos iniciados de outros terreiros.

A escrita dos cadernos/diários, por sua construção, é como marcas que o corpo vai adquirindo a cada experiência vivenciada dentro do terreiro, impregnado com as demais experiências e leituras de vida para além desse espaço, pensando em Certeau, e sua demonstração sobre os esforços despendidos ao nos propormos a fazer registros escritos:

Do nascimento ao luto, o direito se “apodera” dos corpos para fazê-los seu texto. Mediante toda sorte de iniciações (ritual, escolar, etc.), ele os transforma em tábuas da lei, em quadros vivos das regras e dos costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem social. (...).

(...) O texto impresso remete a tudo aquilo que se imprime sobre o nosso corpo, marca-o (com ferro em brasa) com o Nome e com a Lei, altera-o enfim com dor e/ou prazer para fazer dele um símbolo do Outro, um dito, um chamado, um nomeado. A cena livresca representa a experiência, tanto social como amorosa, de ser o escrito daquilo que se pode identificar. (CERTEAU, 1994, pp. 231-232).

A escrita de cada caderno acaba por expor não só as marcas da tradição religiosa, mas das tradições que circulam e compõem essas crianças e jovens, com suas personalidades, experiências familiares, experiências escolares, gostos, alegrias e tristezas.

É válido observar que a “avó” desses cadernos, a ìyalorişá/mãe de santo (que deixou seus manuscritos como herança), uma pessoa que não trabalhava por receber pensões herdadas do pai militar, já é falecida, mas seu filho de santo, herdeiro dos manuscritos, repassa as tradições estabelecidas no seu próprio terreiro de candomblé. Assim como sua ìyalorişá/mãe de santo, a religião não funciona como um meio para sua subsistência, ele não vive do candomblé. Possui profissão e atua nela. É médico,

professor universitário e pai de santo. Incentiva a ampliação da escolaridade entre seus filhos de santo - crianças, jovens e adultos. Apresenta-se como exemplo de superação ao contar sua trajetória de vida dedicada aos orixás, sem que isso atrapalhasse a sua vida pessoal/intelectual.

O babalorişá/pai de santo mantém a raiz do seu Aşé, nação Ketu, aşé Gantois³, com a qual tem contato e acesso, já antes estabelecido por sua mãe de santo, procurando uma vez ao ano visitar o primeiro aşé Gantois, em Salvador, levando filhos da casa em sua companhia para conhecerem de perto a história viva do terreiro e suas tradições de quase dois séculos.

O terreiro de candomblé onde realizamos a investigação localiza-se em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias – RJ. Tem uma média de cento e dez filhos de santo entre crianças, jovens e adultos. Uma pequena parte dos filhos de santo mora no bairro em que o terreiro está localizado e os demais que, são a maioria, moram em outros municípios (Rio de Janeiro, Paraty, Nova Iguaçu, Volta Redonda, São Gonçalo, Macaé) e outro país (EUA).

O nível de escolaridade é bastante diversificado, desde o ensino fundamental incompleto à pós-graduação. Todas as crianças frequentam a escola, e existe uma cobrança de rendimento por parte do pai de santo. Boletins e avaliações são apresentados ao babalorişá; faz parte do dia a dia do terreiro ver crianças e adolescentes com cadernos e/ou livros para realização das atividades de casa e em estudo para as avaliações. Quando algo não vai bem com relação ao rendimento e/ou comportamento os responsáveis solicitam ajuda do babalorişá, como suporte para a educação escolar.

Os responsáveis das crianças e jovens, na maioria dos casos, são adeptos da religião e também frequentam o terreiro. As atividades profissionais das pessoas que frequentam o terreiro são bem variadas, passando por trabalhos formais, com registro em carteira, como trabalhos informais, sem vínculo empregatício.

³ Terreiro fundado em 1849 (p.11), por Omoniké (nome de origem africana), uma egba, de cultura yorubá, natural de Akè em Abeocutá na Nigéria; tendo por nome de batismo Maria Júlia da Conceição Nazaré.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

ATIVIDADES FORMAIS	ATIVIDADES INFORMAIS
Auxiliar de serviços gerais	Manicure
Auxiliar de rouparia	Vendedor
Dentista	Auxiliar de recreação
Médico	Diarista
Professor	Cuidadora (crianças/idosos)
Recepcionista	
Técnico em segurança do trabalho	
Vendedor	
Promotor de vendas	
Costureira	
Militar	
Auxiliar administrativo	
Empresário (hotelaria; decoração)	
Gerente	

O respeito e a educação são exigidos a todo tempo tanto entre os irmãos e os mais velhos ou as pessoas que possuam cargo⁴, assim como com as visitas que chegam ao terreiro.

As publicações e pesquisas realizadas e em andamento sobre casas de candomblé são voltadas, em grande parte, para estudos etnográficos e antropológicos; pouco se faz com a relação entre casas de candomblé e educação. Entre os anos de 1989 e 2011, contabilizamos, no banco de teses da CAPES, um total de 25 pesquisas entre dissertações de mestrado e teses de doutorado⁵; em doze anos uma média de duas pesquisas ao ano. Em 2012, nenhum registro foi encontrado.

⁴ Uma função específica carregada de responsabilidade apontada por um Orisá ou Babalorişá ou òyalorişá.

⁵ Esses dados foram coletados no *site* da CAPES, especificamente nas universidades registradas na tabela.

PESQUISAS COM TEMA A EDUCAÇÃO E CANDOMBLÉ

ANO	NÚMERO DE PESQUISAS	UNIVERSIDADE
1989	02	UFBA/USP
1996	01	PUC SP
1997	01	UFMG
1998	03	UFBA (02) / USP (01)
1999	01	UNICAMP
2004	01	PUC SP
2005	03	PUC RJ (01)/USP (02)
2006	01	UFPB
2008	05	UERJ(02)/USP(01)/UFRJ(01)/UFMG (01)
2009	04	UFBA (02)/UFF (01)/UFRGS (01)
2010	03	UERJ (01)/UFCE (01)/UCP (01)
2011	01	USP

Esses dados revelam que pouco se tem discutido sobre o tema Educação-Candomblé, bem como Candomblé e suas crianças.

Citamos, como destaque, a pesquisa de Caputo (2005), como propulsora e incentivadora em pensar crianças e jovens de terreiros e os reflexos na/da escola em suas vidas, e também para justificar a validade da presente pesquisa, refletindo sobre os objetivos que a autora destaca na sua pesquisa:

Assim, a pesquisa que partilho com vocês teve dois objetivos: o primeiro foi observar e ouvir as práticas de crianças e adolescentes que frequentam terreiros de candomblé, entendendo os terreiros como espaços de educação. O segundo foi observar e ouvir a escola

para saber como ela se relaciona com essas crianças (CAPUTO, 2012, pp. 30-31).



A relação criança de candomblé/escola nos possibilita ir além dos muros do terreiro e da escola, pensando em como as redes educativas estabelecidas nestes dois espaços ajudam a construir/tecer as identidades dessas crianças e jovens, e fortalecem (ou não) seu protagonismo social.

O foco da nossa investigação é sobre os cadernos produzidos pelas crianças e jovens sob a orientação do herdeiro direto do material manuscrito, nas ressignificações feitas com o material manuscrito deixado pela íyalorişá/mãe de santo, como se dá sua relação com a oralidade e a escrita, como os segredos/mistérios podem ser mantidos após o seu registro escrito. É todo um trabalho de resgate de memória, de reelaboração de valores, avaliação de perspectiva religiosa e de registro de histórias ressignificadas e dotadas de sentidos em pleno movimento de construção/reconstrução, que se reflete nos cadernos tecidos no cotidiano do terreiro.

Consideramos importante para uma melhor compreensão das ressignificações estabelecidas neste espaço, confrontar os cadernos das crianças e jovens com a fala do babalorişá/pai de santo que se faz responsável pelo repasse dessa tradição, buscando suas justificativas para o incentivo da propagação da escrita em seu terreiro de candomblé, e a valorização e incentivo ao estudo:

- Qual a importância, para ele, dessas práticas?
- Qual a força da língua escrita? Esse pai de santo possui essa noção?
- Como se dá a formação da casa de santo?
- Como a sociedade grafocêntrica se impacta com a oralidade?
- Como os processos de formação religiosa respondem ao tempo – será que através da escrita?

Utilizamos, além dos cadernos das crianças e jovens, as imagens do cotidiano, entrevistas gravadas dentro do terreiro em questão, sobre o aprender neste lugar, como forma de fundamentar, enriquecer e legitimar as escritas que tecem as redes de conhecimento estabelecidas neste espaço; entrevistas gravadas fora do terreiro com pessoas ligadas ao candomblé e que possuem ligação com o babalorişá/pai de santo atualmente e anterior à inauguração do terreiro pesquisado.

Estamos analisando, especificamente, oito cadernos construídos no período de sete anos de existência do terreiro; os cadernos são como diários que vão se atualizando dia após dia dentro do próprio espaço do terreiro. As idades dos autores dos cadernos variam de sete aos vinte e dois anos. Estamos acompanhando o crescer desses autores dentro do espaço religioso através dos seus cadernos/diários; no campo, há seis meses acompanhamos as construções e continuidades dos mesmos.

As entrevistas com as crianças e jovens do terreiro pesquisado servem de suporte para uma melhor compreensão dos registros escritos analisados bem como as demais questões propostas pela pesquisa, pensando essa entrevista como “(...) uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro”. (Caputo, 2006, p. 28).

Utilizamos imagens do cotidiano como subsídio e complemento para uma melhor análise dos indícios apontados no decorrer da pesquisa, pensando de forma contextualizada essas imagens:

Nessa perspectiva, é compreensível que as fotografias devam ser objeto de uma leitura sociológica; e que nunca sejam consideradas em si mesmas e por si mesmas em termos das suas qualidades técnicas e estéticas. (BOURDIEU, 2005, p. 34).

Os desenhos encontrados nos cadernos também servem como base para análise sob a perspectiva sugerida por Bourdieu.



Como aporte para nossas análises, consideramos alguns eixos temáticos que percebemos importantes para o embasamento teórico desta pesquisa. Destacamos como principais: cultura, tradição, escrita e redes educativas.

O refletir sobre cultura nos é caro por estarmos tratando especificamente de ressignificações de tradições e em meio a tantas definições sobre o assunto, abordaremos o conceito sob as perspectivas de Williams:

Estou dizendo que uma teoria da cultura atinge sua maior significação quando se ocupa precisamente das relações entre as muitas e diversas atividades humanas que têm sido agrupadas histórica e teoricamente nessas categorias, e especialmente quando ela explora essas relações como simultaneamente dinâmicas e específicas dentro de situações históricas descritíveis que, práticas sociais, são alteráveis, assim como nosso presente o é. É, então, nesta aceção de uma teoria das relações específicas e em constante mutação que a teoria da cultura se torna apropriada e produtiva, ao invés de se oferecer como uma teoria capaz de abranger as mais diversas práticas artísticas ou, de outro lado, como um tipo de teoria social proposta ou organizada como uma alternativa – embora que ela sempre oferecerá uma contribuição – a uma análise sócio-histórica mais geral. (WILLIAMS, 2011, p.190)

Para esta pesquisa, pensar cultura como contribuição sócio-histórica faz-se fundamental por estarmos dialogando com tradições religiosas que vão sendo repassadas através dos séculos, em princípio, de forma oral, dos mais velhos aos mais jovens, e, por ora, ainda dos mais velhos aos mais jovens, mas com um diferencial - registros escritos em cadernos/diários, nos fazendo refletir se as formas de aprender e os locais de aprender também vão sofrendo influências sócio-históricas.

Estamos nos propondo a pesquisar conhecimentos seculares e sua transmissão para as gerações como busca para a manutenção de tradições, que segundo Mariátegui, está em constante movimento:

Porque la tradición es, contra lo que desean los tradicionalistas, viva y móvil. La crean los que la niegan para renovarla y enriquecerla. La matan los que la quieren muerta y fija, prolongación de un pasado

en un presente sin fuerzas, para incorporar en ella su espíritu y para meter en ella su sangre.

(...) Hablo, claro está, de la tradición entendida como patrimonio y continuidad histórica. (MARIÁTEGUI, 2007, p. 114).

Por estarmos pesquisando uma cultura que, tradicionalmente, era repassada oralmente, as ressignificações e aprendizagens ocorridas na transição para a escrita são consideradas por nós como fundamentais para tentarmos compreender melhor esses registros. Utilizaremos Certeau para nos ajudar na reflexão sobre o papel do registro dessa escrita:

O sofrimento de ser escrito pela lei do grupo vem estranhamente acompanhado por um prazer, o de ser reconhecido (mas não se sabe por quem), de se tornar uma palavra identificável e legível numa língua social, de ser inscrito numa simbólica sem dono e sem autor. (CERTEAU, 1994, p. 232).

Esta pesquisa, a partir dos registros escritos dos cadernos de crianças e jovens do terreiro, se propõe a pensar nas redes educativas estabelecidas em espaços além-muros da escola; como o aprender em espaços tidos como não formais, produzem conhecimentos e saberes são compartilhados:

Assim, ao contrário da formação aprendida e desenvolvida na maioria das pesquisas do campo educacional, inclusive em muitas sobre os cotidianos escolares, que, de maneira muito frequente, têm assumido uma forma de pensar que os vem negando como espaço tempo de saber e criação, vou reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e sobretudo, como de grande diversidade. (...) Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir

sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008, pp. 18-19).

Os odores, sabores, sons, toques, dentre outras tantas coisas, vão tecendo as redes de saberes dos/nos/com cotidianos, no nosso caso especificamente no terreiro, mas não desconsiderando todo o mundo que forma cada uma das pessoas que compõem este espaço.

Nesses cadernos/diários encontramos vocabulários, histórias de vida religiosa, rezas, cantos, artefatos como, por exemplo, penas e folhas; desenhos criados, ao que nos parece inicialmente, para afirmar sentidos aos escritos; estratégias de recordar, rememorar e repassar, na medida do possível, o aprendido no cotidiano desse espaço, fotos de momentos e pessoas consideradas importantes na trajetória espiritual. Todos falam em ensinar sempre aos irmãos mais novos, a quem está chegando, falam da importância de ouvir os mais velhos e suas histórias para em seguida, ou concomitantemente, fazer o registro escrito para que não se esqueçam do que foi falado e ensinado, para que 'não se perca a tradição'.

Nos registros também podemos observar o crescimento cronológico das crianças e jovens a partir do avançar dos anos. O caderno de uma menina iniciada em 2006 aos onze anos, onde seu relato refere-se a sua boneca que ficou junto a ela durante seus rituais, as brincadeiras com sua boneca e com as crianças que teve contato nesse período, junto a relatos das suas sensações 'mágicas' durante os rituais; após três anos, aos quatorze anos, em outro momento ritualístico, sua escrita aponta a preocupação em aprender, pois considera a possibilidade de vir a ter um dia responsabilidades maiores em sua trajetória religiosa; relata detalhes dos rituais pelo qual passou e que confirmam o que antes era uma suposição. Já não existe mais o relato da boneca e brincadeiras, mas a emoção por estar em crescimento na sua religião.

Em alguns cadernos/diários percebemos como o babalorişá/pai de santo, é visto como um modelo para as crianças e jovens do terreiro, por sua trajetória pessoal. Nas entrevistas isso fica muito mais óbvio, ao falarem que pretendem 'fazer

faculdade como Babá', e ainda como ele trabalhar e cuidar das responsabilidades religiosas.

O contato com os cadernos/diários é um momento de riqueza e diversidade cultural, onde tradições seculares esbarram e convivem o tempo todo com artefatos do nosso cotidiano cibercultural: cadernos, computadores, redes sociais, bloco de notas em celulares misturados a rituais, cânticos, transes, cheiros, sabores. Os próprios cadernos compostos de segredos pessoais divinizados, de histórias cotidianas vivenciadas em seus rituais, mitologias que tentam dar conta das subjetividades religiosas, singularidades que os tornam tão ricos e conflituosos ao pensar em manutenção e perpetuação de tradições.

É válido ressaltar que estamos no caminhar da pesquisa, portanto, nas tensões provocadas pelos questionamentos que movem a ação de pesquisar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, Nilda. Trajetórias e redes na formação de professores. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

BENISTE, José. Dicionário yorubá – português. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. Revista Brasileira de Sociologia e Política, 2006; Nº 26: pp. 31-39 (Jun).

CAPUTO, Stela Guedes. Sobre Entrevistas – teoria, prática e experiências. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____. Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé. Rio de Janeiro, Pallas, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma introdução à história. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. São Paulo, Record, 2009.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Literatura y estética. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

NÓBREGA, Cida. ECHEVERRIA, Regina. Mãe Menininha do Gantois – uma biografia. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. ALVES, Nilda (Orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos da escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis, DP&A, 2008.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

_____. Palavras-chave. São Paulo, Boitempo, 2007.

_____. Política do modernismo. São Paulo, UNESP, 2011.